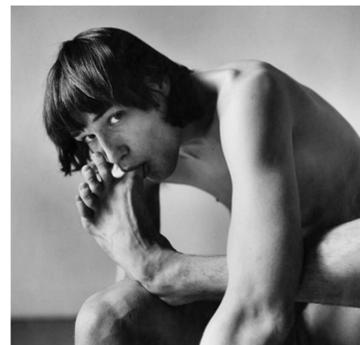
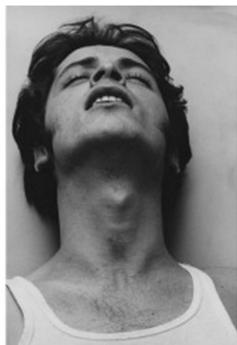


AUTOFICÇÃO: A INSERÇÃO DO AUTOR NO RETRATO FOTOGRÁFICO

Bolsista: Amanda Copstein Telles da Silva

Orientador: Alexandre Santos



INTRODUÇÃO

Inserida como subpesquisa no projeto “A fotografia na arte contemporânea: diferenças e micronarrativas” do Professor Dr. Alexandre Santos, do Instituto de Artes da UFRGS, esta pesquisa propõe uma reflexão sobre como ocorre a inserção do autor em retratos fotográficos referentes à noção de autoficção, relacionada às obras de Arthur Tress e Peter Hujar. Parte-se do pressuposto de que as inserções do “eu-autor” nos retratos fotográficos ocorrem de maneira enigmática e ficcional e que as obras destes artistas são compostas por narrativas lacunares repletas de elementos biográficos.

OBJETIVOS E METODOLOGIA

A pesquisa visa pensar teoricamente a autoficção para relacioná-la às obras de Arthur Tress e Peter Hujar e assim proporcionar a reflexão sobre a posição do autor perante sua obra e compreender como se dá a relação entre a vida real e a ficção e como ocorre a construção do “eu” dentro do corpo de trabalho. A metodologia empregada se deu a partir do mapeamento de termos e conceitos relacionados à autoficção, como narrativa, biografia, autobiografia e ficção e de acesso a textos críticos relacionados às obras de Arthur Tress e Peter Hujar. Nesta primeira etapa, obras de séries específicas de cada artista foram analisadas de forma a elucidarem as questões propostas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O “eu” como garantia biográfica é relativamente recente na História da Arte e é indissociável da consolidação do capitalismo e do mundo burguês, sendo as Confissões de Rousseau um marco no século XVIII para especificar os gêneros literários autobiográficos. Confissões, autobiografias, memórias, diários íntimos, correspondências representam um ponto decisivo para a consolidação do individualismo como um dos traços típicos do Ocidente.

Ambos os artistas estudados são provenientes de uma tradição documental. As vidas de Arthur Tress e Peter Hujar influenciam seus objetos a ponto de comporem a imagem indiretamente. Sua presença nos retratos não é perceptível visualmente mas pode ser sentida através dos modelos representados, como se pudéssemos pressentí-los a instigar e proporcionar as sensações que observamos nas imagens. De forma que estas acabam sendo autorrepresentações, independentemente de não serem explícitas.

A ideia de que o eu seja uma ficção é libertadora, e nos casos estudados, ela é embasada na representação do outro. A presença do fotógrafo é tão forte que fica difícil definir quem está sendo representado, mas podemos identificar que não é apenas representação alheia, mas a representação de um todo no qual o autor está inserido. São declarações do eu e autoficções, conflitos e questões de identidades disfarçados pelas imagens do outro que os artistas se utilizam para se autorreferenciar. As obras, sendo criadas tanto autobiograficamente ou autoficcionalmente, são compostas por questões que instigam os seus criadores, questões estas que compõem o “eu” individual de cada um, possibilitando, assim, pressentir a presença daquele por trás da câmera dentro da imagem.